

Job Mutombene em “Grande Entrevista”

“Já não existe espaço para a manipulação política em Moçambique”

O Chefe Nacional do Departamento para a Informação e Organização do MDM, Luís Job Mutombene, defendeu há dias, em Maputo, que o espectro da manipulação política em Moçambique passou para a história, com a emergência de uma nova geração de eleitores.

Mutombene, que já foi responsável pela pasta de Informação e Propaganda da Liga da Juventude da Cidade de Maputo, defendeu



Veja ainda nesta edição

Por lutar pela verdade eleitoral

Quadro do MDM, na CDE de Ka Tembe, presta declarações à Polícia - **Página 2 e 3.**

Difusão dos Instrumentos do Partido

O Programa do MDM no Espaço “Lição Partidária” - **Últimas.**

igualmente que o MDM está em condições de vencer os próximos pleitos eleitorais, dado que se está a organizar para o efeito.

Job Mutombene falou do seu envolvimento pelo associativismo, tendo focado ainda sobre a sua vida pessoal que teve um revés após a morte do seu pai.

Acompanhe a entrevista que concedeu ao Boletim informativo da Liga da Juventude da Cidade de Maputo nas páginas **4,5,6 e 7.**

Caro Membro e simpatizante! De 25 de Maio a 23 de Julho de 2013, decorre o processo do Recenseamento Eleitoral nas 53 vilas e Cidades abrangidas Eleições Autárquicas de Novembro próximo. Faça já o recenseamento no posto mais próximo da sua residência.

Por lutar pela verdade eleitoral

Quadro do MDM na CDE de Catembe presta declarações à Polícia

Depois de termos reportado, na nossa última edição, sobre o fenómeno “estranho” que tem ocorrido nas Comissões Distritais de Eleições, CDE, onde os vogais provenientes do MDM são colocados na comissão de finanças, o que os inibe de fazer um controle sobre a realidade do recenseamento eleitoral, eis que em finais do mês passado, a *malta* da Frelimo nos mostra mais um triste espectáculo.

Jonito Pastola, quadro da Liga da Juventude da Cidade de Maputo, e que foi indicado, pelo Partido, a fazer parte da Comissão Distrital de Eleições de Ka Tembe, tem vivido momentos conturbados naquela Comissão Distrital de Eleições, pelo facto de querer que o processo eleitoral venha a ser livre justo e transparente, na efectividade e não como *um slogan* desfasado da realidade, tal como se pretende pelo STAE e CNE.

Desde que foi “eleito” para fazer parte da comissão de finanças da CDE da Ka Tembe, Pastola sempre pautou pela recusa em participar nesta comissão por achar que, não

tendo conhecimento técnico sobre a área financeira, não poderia ali estar, propondo que seja substituído, o que está sendo negado pelo Presidente da CDE da Ka Tembe, Gabriel



Junito Pastola, vogal da CDE da Ka Tembe pelo MDM

dos Anjos, e que teve, em finais de Maio, a ousadia de chamar a polícia para levar o representante do MDM a prestar declarações na esquadra, por ter gravado declarações pejorativas ao seu bom nome, na reunião daquele organismo distrital.

Como as coisas chegaram até a esse ponto?

De acordo com Jonito Pastola, esta perseguição não é de hoje: “Desde que eu tomei posse como vogal, em representação do MDM, o Presidente da CDE,

e a cúpula da CDE, tem tido um comportamento estranho comigo. No início (após a tomada de posse dos órgãos distritais), ele disse apareceu numa das sessões, com uma lista de distribuição das comissões de trabalho, na qual eu fazia parte da comissão de finanças. Na referida reunião, eu me declinei a aceitar a tal posição, dado que não tenho competência para fazer parte de algo que não domino, e ainda pelo facto de não terem sido, aquelas propostas, acolhidas num quórum, mas sim, sendo forjadas em sua casa.” Disse. Entretanto, vendo os seus intentos a serem ameaçados, o Presidente Distrital da Ka Tembe, cometeu mais uma gafe, ao levar o assunto para a votação, como forma de legitimar, perante tudo e todos, aquela arbitrariedade, dado que o próprio visado já dissera que não tinha competências para ali estar.

Foi nesta situação que Pastola se encontrou durante semanas, até que o insólito e descabido aconteceu:

Cont pág ant...

“Estávamos numa das sessões, e durante as mesmas foram lançadas palavras ofensivas contra a minha integridade moral, dado o facto de eu estar sempre a reclamar sobre a minha situação na comissão de finanças. O senhor dos Anjos andou a dizer que eu tinha um comportamento indesejável, pois na CDE eu não vinha defender interesses partidários e que eu devia saber disso, aceitando o resultado da votação que me colocou na referida comissão, mas eu andava a reclamar e a criar confusão por isso.”-Disse.

Pastola referiu-se ainda que, enquanto o Presidente da CDE e algumas pessoas da sua cúpula o inundavam de palavras ofensivas, ele tomou a iniciativa de gravar as tais palavras, e que, despertado por este facto, dos Anjos exigiu que o vogal da CDE lhe entregasse a tal gravação acto prontamente recusado pelo nosso colega.

Inconformado, e por que a gravação continha elementos que pudessem “sujar a sua imagem” como responsável da CDE, dos Anjos prontamente socorreu-se á polícia para invocar que Pastola gravara uma reunião de trabalho.

Por sua vez, a polícia não encontrou fundamentos nesta acusação, embora a mesma tenha solicitado o telemóvel e apagado a gravação, como quem quer cumprir a lei mas sem magoar o patrão.

Limpeza de Imagem

Sem nenhuma acusação formalizada, Pastola dirigiu-se àquela CDE, com o intuito de participar em uma das sessões, “e quando cheguei lá, foi muito estranho o ambiente encontrado pois, para além de não ter sido perguntado sobre como teria decorrido o acto de

prestação de declarações à polícia, o que seria normal dado que sou vogal da CDE da Ka Tembe, aquela foi a sessão mais rápida que assisti”-Confidenciou.

“Dias depois, o senhor Gabriel dos Anjos, como quem quer justificar-se disse-nos (aos vogais) que aquele incidente ocorrera pelo facto de não ter sido feita alguma acção formativa sobre a Legislação Eleitoral. A referida formação, de dois dias, ocorreu recentemente.

Caso nas mãos do Partido

Segundo assegurou-nos Pastola, o partido já tomou conhecimento do assunto, tendo para o efeito accionado a respectiva assistência jurídica, e que nos próximos dias aguarda-se pelo desfecho deste triste episódio.

Redacção

38 anos de Independência Nacional

Liga da Juventude presente na Praça dos Heróis

A Liga da Juventude da Cidade de Maputo tomou parte, a 25 de Junho, nas cerimónias da deposição de coroa de flores aos heróis nacionais, que decorreu na Praça dos Heróis

Moçambicanos, por ocasião da passagem dos 38 anos da Independência Nacional.

Empunhando bandeiras do Partido, e acompanhados por vários quadros da Liga da

Mulher e da Direcção da Delegação Política da Cidade de Maputo, os jovens dançaram e entoaram cânticos que exaltam o MDM, a Unidade Nacional, o diálogo.

Para Luís Job Mutombene

“Já não existe espaço para a manipulação política em Moçambique”

Conhecido como um eximo comunicador, homem das massas, não fosse a sua grande experiência pelos assuntos do associativismo juvenil, Job Mutombene é um dos jovens nos quais o MDM depositou confiança para chefiar um Departamento Nacional do Partido.

Com uma infância igual a de muitos rapazes dos arredores da Cidade de Maputo, a morte do seu pai, aos 15 anos de idade, mudou sobremaneira a sua forma de estar pois, a partir daquele momento, estava sendo forjado o homem que tem lutado incansavelmente pela conquista da sua afirmação social e política. Acompanhe a entrevista na íntegra.

Boletim Informativo (BI) – Conte-nos um pouco da sua infância?

Job Mutombene (JM)

Job é um jovem que nasceu e cresceu em Maputo, num bairro suburbano, onde vivo até hoje, numa família de 8 irmãos. Durante a minha infância joguei futebol, era apaixonado por desporto, e cheguei inclusive a jogar no torneio infantil de futebol “BEBEC”. Lembro que joguei igualmente basquetebol, o que me levou a cantar “rap” com meus amigos, pelo facto desta modalidade ser muito conotada com esta modalidade.

BI- Qual foi a melhor e pior recordação que guarda da sua infância?

JM- A melhor coisa que aconteceu, creio que foi ter chegado á final do torneio BEBEC, que infelizmente perdemos a final. Foi muito bom por ter sentido a responsabilidade de carregar o meu bairro, ainda com 11 anos. Negativamente tenho como recordação a morte do meu pai.



Eu tinha 15 anos, e foi difícil para mim pois ele era o nosso protector, e as coisas mudaram muito. Nessa altura, saía da escola, e tinha que ajudar nas tarefas lá de casa: lavar a loiça, varrer, limpar, etc, foi muito difícil.

BI- Este triste acontecimento terá contribuído para “criar” o Job que temos Hoje?

JM- Claro. Foi o que fez com que tomasse um rumo. Estou inclusive a escrever um livro que retrata isso. Em Changana diz-se “Se Lixile”, o que

significa “amanheceu”. É uma expressão que se emprega para os casos em que, havendo uma dependência social e económica, neste caso com a existência do meu pai, nada faltava-nos, tudo tínhamos, mas, após a sua morte *lixile*, pois estávamos, a partir daquele momento, a lutar por nós mesmos. É só lembrar que meu pai tinha condições económicas estáveis, o que fez com que crescêssemos com os filhos da elite da cidade de Maputo, mas, com a sua morte começamos a

..cont da pág ant....
ter dificuldades grandes de subsistência.

ENTRADA NO ASSOCIATIVISMO

BI- Como reagiram a este momento da vossa vida?

JM- A minha mãe já não conseguia garantir o sustento adequado. Havia problemas com os familiares devido aos bens do meu pai, e outros tantos problemas de natureza económica. Esta situação fez-me procurar assistência a algumas instituições como a UNICEF. Uma das exigências do organismo foi a necessidade de organizarmo-nos em associações, pois não apoiavam individualmente. Foi nessa altura que, no ano 2000, criamos a primeira associação, para dar resposta aos nossos problemas, e muitos jovens aderiram. A Associação dos Jovens Humanistas de Moçambique, braço do Movimento Humanista Internacional, onde trabalhei muito com o Ivan Andrade. Lembro-me que foi nessa altura em que criamos o primeiro Centro de Informática do Bairro do Chamanculo, nessa altura quase nenhum jovem sabia usar computador, isso foi graças ao apoio do Movimento Humanista Internacional que nos facultou alguns computadores.

BI- Quais foram as dificuldades que enfrentaram sendo inexperientes no campo do associativismo?

JM- Bem, primeiro quero lhe dizer que não entramos no

associativismo à procura de emprego, tínhamos como objectivo criar um campo de reflexão sobre os nossos problemas, porque nós fomos incentivados através da corrente humanista, a organizarmo-nos como seres humanos na busca de resposta sobre as nossas vivências diárias, e nós trabalhamos valorizando a pessoa humana como centro das atenções do desenvolvimento. Como disse, este movimento humanista internacional que nos ajudou a criar a Associação dos Jovens Humanistas de Moçambique, onde queríamos trabalhar na criação de uma sociedade mais justa, onde o valor humano como centro de transformação.

Foi nesta altura onde começo a interessar-me muito pelo associativismo, pois, estando a trabalhar em várias redes de associativismo, faço parte da Comissão instaladora do Conselho da Provincial Juventude da Cidade de Maputo, onde trabalhei com o actual Vereador da Cidade de Maputo, Mathlombe, o ex Secretário da OJM da Cidade de Maputo, Alex, o Procurador Macarringue, etc, e nesta fase de trabalho criamos outros mecanismos para que tendo problemas como associação, pudéssemos resolvê-los nós próprios.

BI-Que tipo de problemas e que soluções avançaram?

JM- Na altura só trabalhávamos a convite do Ministério da Juventude e Desportos ou ao nível da Cidade de Maputo,

bem como de outros organismos governamentais, e queríamos ter mais liberdade, e apercebemo-nos que a liderança destes órgãos não representava os interesses da juventude. Havia muita discussão de partidos políticos e as ligas político partidárias influenciavam o debate, o que excluía o debate académico das associações. Neste quadro, querendo nos organizar melhor, criamos em 2002, o Fórum Nacional da Juventude pela Paz, Unidade e Desenvolvimento e que apoiava o desenvolvimento das associações juvenis, através do financiamento destas associações, pelas ONG's estrangeiras, e que apoiaram-nos bastante.

Há cooperativas que até hoje funcionam, tal como a de Hulene, principalmente nos distritos 3 e 4. Felizmente saí desta Associação, dado que sempre pautei pela Democracia e inclusão, e não ficava mais de um mandato como presidente de qualquer associação, para poder dar espaços a outros.

Estive numa outra organização de sociedade civil alemã, que tinha escopo de prestar assistência na integração dos ex regressados da Alemanha, através de emprego e formação profissional.

Trabalhei igualmente na Academia Africana de Comunicação (ACA), instituição que era responsável pela implementação de políticas de Comunicação e Imagem de empresas como CMC, BCI, Standard Bank, CNJ, Nações

..cont da pág ant....

Unidas, etc. Lembro-me que fui indicado pela ACA, para desenvolvermos a estratégia de Comunicação do Primeiro Diálogo Nacional sobre o Voluntariado, de onde surgiram indicações para a institucionalização do Comité Nacional do Voluntariado, sendo que a senhora Fernanda Teixeira foi indicada pelo governo, sendo Secretária Geral da Cruz Vermelha de Moçambique, a presidi-lo, durante um dado período.

Entretanto, em 2006, havia necessidade de criar um organismo que velasse pelas actividades das organizações do voluntariado. É neste quadro que surge o Conselho Nacional do Voluntariado (CNV), do qual sou também membro da Comissão Instaladora.

BI- Há meses atrás, através dos órgãos de Comunicação Social, soubemos que havia uma alegada disputa pela Presidência da CNV, da sua parte e a da Senhora Fernanda Teixeira. Que tem a dizer sobre isso?

JM- Bem conforme pode ouvir, passei por várias experiências no associativismo. Antes de entrar na CNV, sou contratado pela Agência das Nações Unidas para o Voluntariado, onde pude organizar muitas associações que estavam espalhadas, e neste quadro da

instalação do CNV, escolhemos a Cruz Vermelha de Moçambique como Presidente, e CNJ como vice.

Em 2009, eu saí das Nações Unidas para concorrer a vaga de Presidente da CNJ. Felizmente granjiei muita simpatia na área de voluntariado, e isso fez com que a senhora Fernanda Teixeira me convidasse para trabalhar com ela. Em algum momento, devido a muitos afazeres, me desliguei um pouco desta organização, mas sempre soube o que estava a acontecer lá.

Entretanto, dada a minha experiência no voluntariado, e pelo facto de ter coordenado o voluntariado dos Jogos Africanos, e em paralelo o mandato anterior do CNV estivesse a terminar, a ACA candidatou-me a disputar a eleição da Presidência da CNV. Após a disputa, a minha lista venceu, e como se viu e ouviu, eles negaram-me entregar o poder, pelo facto de ser do MDM. Não houve fraude nenhuma. A vontade dos membros do CNV foi limpa e transparente, e até hoje, não houve tomada de posse. Prefiro deixar esse barulho pois fiz muito pela Sociedade Civil. Tudo o que aconteceu no CNV só tem uma resposta: A FRELIMO sentiu-se derrotada pelo MDM, algo que ainda não conseguem digerir.

BI- Nunca teve medo desta situação, dado que a

Fernanda Teixeira é esposa do Manuel Tomé, um quadro “poderoso” da Frelimo e na altura membro da Comissão Política da FRELIMO.

JM- Olha, no Movimento Humanista aprendi a encarar o medo, pois aprendi a ser mais humano e dominar as minhas capacidades. Nada me intimida, senão a Força Divina. Nunca temi sofrer represálias, apesar do Sr Alex, da Frelimo me ameaçado para que desistisse do lugar que fui eleito, dizendo “Nós a Frelimo nunca vamos admitir essa derrota. Achas que aceitaremos que ganhes a mulher de um chefe”? Esqueça, não vais tomar posse. Nós somos o Sistema.

Então há alguma interferência Política da Sociedade Civil em Moçambique?

Há sim esta interferência, vinda dos tempos antigos. Entretanto, nos últimos tempos tem-me surpreendido como as coisas tem mudado porque temos uma Organização Nacional de Professores, ONP, a mudar, uma Associação Médica de Moçambique forte, um Parlamento juvenil muito forte. Para mim, já não existe espaço para a manipulação política em Moçambique. Embora o Sistema queira comprimir as opiniões contrárias, é em vão.

Reportagens e artigos de opinião da Liga da Juventude em

www.juventudemdm.blogspot.com

As pessoas estão já abertas e conscientes sobre a suas realidades.

NO MDM

BI- Hoje está no MDM, e é um quadro do seu Secretariado Geral. Como olha este momento. Será algum prémio devido ao seu percurso?

JM- Primeiro queria dizer que não entrei no MDM á procura de títulos. Entrei para a militância, para partilhar a minha pouca experiência no campo do associativismo, da vida social e religiosa. Tenho igualmente a dizer que uma das qualidade de um bom líder, como Deviz Simango ou Lutero Simango que, para além de liderar pessoas, eles sabem formar uma boa equipe. Olha, sei do que estou a dizer pois, sou gestor de Recursos Humanos, na empresa onde laboro. Mas deixa-me lhe dizer que não caí de pára-quadras no Secretariado Geral, se lembras, estive na Liga da Juventude da Cidade de Maputo. Quando entrei no MDM, lembro que fui proposto presidente da Liga para fazer parte da sua Direcção, o que criou algum

mal-estar porque era “novo”, no entanto aprendi uma lição na qual as pessoas não podem ocupar os cargos pela antiguidade mas pela competência e qualidades. Houve pessoas que me chamaram de espião, porque a minha mãe trabalha no SISE, etc, etc, mas o Presidente da Liga da Juventude da Cidade manteve-se firme e manteve-me como membro da sua direcção. Portanto, o Presidente do Partido só teve poucas vezes para me escutar, tanto na Liga da Cidade, tanto no congresso, e, com muitos jovens competentes que o Partido tem, escolheu-me a mim para este desafio, e farei de tudo para não defraudar as expectativas do MDM a mim.

BI- Quais são os desafios do seu Secretariado?

JM- Bem, este é um departamento chave, pois, a Vitória prepara-se, ela organiza-se. Tenho a missão de organizar o Partido, fazer com que os membros saibam qual é o seu papel na organização, no trabalho por procedimentos, a gestão dos actos administrativos internos, e.t.c criar mecanismos para que a comunicação interna e externa flua convenientemente, e é claro que para tal, espero apoio do partido através da criação de condições de trabalho, pois nada valerá ter bons quadros sem condições.

BI-Estamos prestes a mais um momento eleitoral. Na sua opinião, estamos em condições de disputar taco-a-taco com os outros partidos políticos.

JM-Digo com muita firmeza que o



Job Mutombene, no seu local de trabalho

MDM não é a terceira força política, é a primeira força política nacional, pois, por onde eu ando só se fala do MDM. No meu bairro chama-me MDM. Todos os líderes juvenis estão connosco. Na minha família, muitos vêm a minha procura para pedir ficha de membro. A insatisfação é generalizada pois o Povo cansou de um regime corrupto, que trabalha em benefício de um grupo que exclui muitos moçambicanos, e Hoje o MDM tem uma geração nova de líderes, uma nova era na história da democracia e da Política Nacional. As conversações entre a Renamo e Frelimo são uma fantochada de quem tem medo do MDM. Ambas sabem que não havendo eleições, os dois permanecem a usufruir das regalias que a situação actual lhes confere, bem como pelo facto de estarem a ver que esta juventude já não está aí por eles, o MDM só está a espera das eleições para ser governo.

Evaristo Maússe

Curiosidades sobre o Chefe de Departamento Nacional de Informação e Organização

Nome Completo: Luís Job Mutombene

Local de Nascimento: Cidade de Maputo

Defeito: Sou muito espontâneo, directo.

Virtude: Felicidade

Cor Preferida: Azul

Prato Preferido: Macarrão

Musico/Banda: Ghorowane

Ídolo político: Mahatma Ghandi

Estado Civil: Casado com Aquiba

Carlitos Tinga, e tem dois filhos.

Um Diabo com nome de Anjo

As religiões carregam várias figuras que circundam a sua interpretação, com o objectivo de torná-las credíveis, aceitáveis e coerentes. Embora sejam diferentes e com ensinamentos variáveis, elas advogam o bem e lutam contra o mal, o tal que é representado pelo Diabo, Lúcifer, Satanás, etc.

Da mesma forma que há pessoas que acham representam “Deus na Terra”, há os que indubitavelmente representam o Diabo, nem que para tal tenham que usar o nome de Anjo.

Enquanto lutamos para ter um processo de recenseamento eleitoral organizado, que venha a criar condições para “Eleições, Livres Justas e Transparentes”, há um diabo com nome de anjo que, em conluio com seus sequazes, quer inverter esta situação, usando o nome da vitimada sociedade civil para fazer valer o seu marasmo institucional e intelectual.

Tão aflito que está o Sistema, não é que o tal do Presidente da Comissão Distrital de Eleições da Ka Tembe, Gabriel dos Anjos, toma uma atitude que roça à baixa jaez e nos faz pensar no tipo de “sociedade civil” que temos, no quadro do seu papel na organização e gestão dos processos eleitorais.

Primeiro cria uma lista das comissões de trabalho para a CDE, na qual coloca o representante do MDM como financeiro, como que tivéssemos dito, como partido, que andamos enfermos pelo vil metal. Depois,

ao vir que o nosso homem não concordava com a *coisa*, pelo facto de não ter domínio sobre os procedimentos financeiros, usa a aldrabice da votação, que logicamente pela representatividade na CDE, não nos seria favorável, na tentativa de forçar a decisão que forjou na cozinha da sua casa.

Conseguido os seus intentos, e notando que o membro do MDM, tal como é característico dos jovens deste partido, não se deixava intimidar, solicitando que não ficasse naquela comissão, o Presidente da CDE de Ka Tembe começou a uivar palavras ofensivas contra o nosso colega, dizendo que ele estava em nome da sociedade civil, e que ali não podia comportar-se como estava. Ridículo!

Não sei como queria que o nosso colega se comportasse dado que ele simplesmente não aceita fazer parte de algo que não entende, e independentemente das benesses que o tal posto o confere, para o MDM, as pessoas devem estar nos seus lugares certos, onde tem inclinação. Deve ser por isso que o país é governado por incompetentes pelo facto de, quem sabe de sapatos estar a gerir transportes, quem sabe da cozinha estar a servir na educação, quem sabe de medicina, estar a servir na energia, e.t.c, e.t.c, motivo pelo qual estamos tramados como País.

Mas as loucuras do nosso Presidente Distrital não terminaram por ali, pois, pensando que poderia fragilizar

boçalmente o nosso colega, intimidando-o com a sua lava literal nauseabunda, só que o nosso jovem gravava tudo isto, e vendo-se em apuros, teve que solicitar os serviços da bufaria, usada sempre como cavalo de batalha para os problemas prévios dos iluminados do sistema.

Lá foi o “nosso homem” prestar declarações, que se não fosse pela Lei que o protege, e pelo facto de nem todos os polícias serem iguais, eis que nada se provou contra a Verdade.

Preocupa-nos esta tendência de querer afugentar os membros do MDM, usando a legalidade na ilegalidade para legitimar sadismos e maniqueísmos de indivíduos desprovidos de consciência patriótica, que pensam que podem comprar tudo e todos, que podem ameaçar quem quer que seja, querendo mostrar que quem manda são eles, quem decide são eles, quando querem, nem para justificar seja o for, porque estão a serviço dos seus patrões.

Jonito Pastola é quadro do MDM, foi para CDE em nome deste partido e são os seus interesses que vai lá defender e fá-lo-á até às últimas consequências, pois como Partido, já passamos por tudo de mau neste país, e mesmo assim, continuamos a crescer, não por sermos poderosos do que ninguém, mas por sermos MDM, um partido de Todos e para Todos, ou em vão seria o nosso *slogam*: Moçambique para Todos. **Evaristo Maússe** (emausse@yahoo.com.br)

Os Grandes desafios de Moçambique, Hoje-(1)



Por: Omardine Zacarias Omar

País do medo, onde a Paz se encontra ameaçada. Onde o bem comum foi substituído pela desigualdade social e pelo desejo constante de enriquecer da minoria governamental. Um país que a governação é absolutista, que o estado se encontra autenticamente partidarizado, onde o cidadão moçambicano é constantemente injustiçado, apunhalado, aniquilado, excluído e sobretudo marginalizado. Um país, onde tudo é comercializado, do útil ao inútil, do vendível ao não vendível. Uma nação satélite e falhada¹. Uma nação alienada e hipotecada, isto porque, tudo que se descobre cá, quem deve explorar é o patrão estrangeiro e alguém de casa só leva 5% e depois assinamos acordos de longos prazos para recursos não renováveis². Uma

¹ Isto, porque o país só vive para responder interesses dos doadores e dos tubarões nacionais.

² Exemplo disso temos, as areias pesadas de Moma e o carvão de Moatize em Tete, e outras coisas e lugares.

nação que se encontra em constante conflito consegue mesma. Uma nação desmandada pelas leis que previnem e exaltam a harmonia social, onde as piranhas assumiram o lugar dos golfinhos, isto levando-nos a cair num autêntico extremismo social, onde cada um puxa a brasa para o seu lado. Onde a liberdade de expressão, de imprensa, de informação e de escolha se encontram substituídas por represálias constantes e limitante das consciências iluminadas. Vendo isto, vós questionou, o que é um homem sem a sua liberdade? Que sentido tem a minha vida, se não tiver a minha liberdade plena e completa? Tornado válido o que Jean-Jacques Rousseau³ (1724-1778) afirmou que, *se existisse num mundo uma terra que fosse livre, todos os homens mudariam para lá*. Porque, que a nossa pátria se encontra nesta situação enfadonha? Uma pátria

³ Filósofo suíço, que nasceu em Genebra, mas que se radicou em França, Foi um autêntico crítico da sua realidade social, política, educacional, literária e económica que o seu povo vivia. Um dos expoentes máximo das ideias da revolução francesa. Escreveu obras altamente importantes, tais como contrato social, Emílio, origem da desigualdade entre os homens. Onde afirmava que a sociedade deve chegar a uma vontade geral ou volente general e que serve de mecanismo para a estabilidade social.

falhada, distorcida pela ambição desmedida de governantes ignorantes, desavergonhados, senhores sem peso de consciência, sem amor pelo que fazem e sem causa positiva. Porque amam o enriquecimento ilícito, e o empobrecimento do país.

Paremos! E pensemos! O que, que seremos daqui há alguns anos, se continuaremos com estes homens no poder? E se mergulharemos profundamente, naquilo que a história universal (de partidos políticos e governos mundiais) nota-se que um governo posterior ao outro é mais repressor que o outro. Exemplo disso, temos países, como Coreia, Rússia, Somália, Libéria e muitos outros. Cujo depois destes fenómenos alguns deles entraram, em guerras cívicas devido a estas tendências de absolutismo e de injustiça social.

FICHA TÉCNICA

Presidente da Liga da Cidade de Maputo
Adelino Francisco

Chefe do Departamento de Informação e Propaganda
Evaristo Maússe

Edição e Maquetização
Evaristo Maússe

Redacção
Evaristo Maússe e Celestino Victor
Cel: 827149219, 840400362.

Programa do MDM

1. OBJECTIVO GERAL

É indispensável que os moçambicanos defendam, não só os direitos, liberdades e garantias proclamados nas declarações internacionais aceites pelas nações livres, mas também a qualidade do seu exercício; que aspirem sobretudo a alcançarem além dos mínimos possíveis, lutando por se aproximarem dos que desfrutam já da plena realização de liberdade, em vez de se conformarem com condições de vida precárias. A oportunidade de melhoria do ambiente de dignificação e protecção da pessoa humana em Moçambique é enorme, ma depende dos padrões e aspirações dos cidadãos. Nesse sentido, importa consagrar e conferir expressão real aos direitos associados à independência política, à democratização da sociedade e ao Estado de Direito, com vista a que Moçambique se converta num país onde as pessoas e as instituições vivam em paz e segurança reais.

O programa do MDM inspira-se nas convicções, preocupações e ideias de milhares de moçambicanos que desejam exercer o seu direito cívico e político, na escolha e participação efectiva no processo de construção de um país livre e próspero, através de um partido de princípios democráticos universais, que respeite os valores de boa

governança e transparência, dos moçambicanos.

O MDM trabalhará no sentido de assegurar que a Mulher e o Homem Moçambicano sejam donos dos seus próprios destinos, desfrutando na prática, dos direitos fundamentais à liberdade, igualdade, justiça e segurança inerentes a um Estado de Direito. O MDM compromete-se a criar mecanismos necessários para o progresso social, económico e cultural de todos os Moçambicanos.

A curto prazo, o MDM considera necessário e urgente esforçar-se e empenhar-se nas seguintes prioridades gerais:

a) Por uma Democracia Representativa Participativa

1.1. Verdadeira reconciliação e unidade de todos os Moçambicanos.

1.2. Consolidação da jovem democracia multipartidária moçambicana assente em alicerces sólidos de liberdade, igualdade e justiça participativa do cidadão.

1.3. Realização de mudanças concretas e substanciais na esfera governativa, visando estabelecer um quadro funcional ao nível do Estado que valorize a competência profissional e elimine

definitivamente critérios assentes na filiação partidária para progressão na carreira da Administração Pública.

1.4. Formulação de políticas estratégicas de desenvolvimento nacional de médio e longo prazos, que sejam realistas e realmente viáveis para a edificação de uma Nação forte e próspera.

1.5. Promoção de um Estado de Direito inclusivo, em vez de um Direito de Estado autoritário, centralizador e dirigista.

1.6. Revalorização social da família moçambicana e reforço da dignidade pessoal.

1.7. Recusa do fundamentalismo do mercado e do proteccionismo burocrático e partidarizado da economia nacional.

1.8. Protecção dos direitos da mulher na vida comunitária e sociedade em geral.

1.9. Defesa de um sindicalismo forte e independente, em defesa dos interesses dos trabalhadores.

1.10. Promoção de um empresariado nacional forte e livre da tutela e manipulação política partidária e administrativa.

Cont na pag seg

Lição Partidária

Cont da pag ant

1.11. Reforma agrária que assegure tanto os direitos dos cidadãos como a valorização económica da terra.

1.12. Revisão da política fiscal nacional, visando o alargamento da base tributária do Estado e superar a penalização das pequenas e médias empresas, em detrimento das grandes empresas que, por diferentes razões, têm beneficiado de isenções fiscais.

1.13. Criação dum sistema de governação que dê amplas garantias de concretização do direito à segurança, à saúde, à habitação, ao ensino, à informação e ao emprego.

1.14. Incentivar a juventude a contribuir com espírito criador mas também responsabilizador de uma cidadania saudável, valorizadora e com elevado sentido ético e moral.

O programa do MDM visa introduzir mudanças reais na esfera política e económica, na criação de um governo legítimo e forte, estável e sujeito a um controlo e fiscalização eficiente por uma Assembleia da República democraticamente eleita a qual deverá ter poderes suficientes para que a representatividade do eleitorado não seja objecto de manipulações.

b) O MDM como Partido de Alternativa

O MDM acredita que essas mudanças irão introduzir novas relações de trabalho ao nível da governação, assentes na responsabilidade, honestidade, eficiência e competência, quebrando restrições, rompendo condicionalismos e instaurando uma verdadeira economia de mercado ao serviço da Nação, as Famílias e aos cidadãos em geral permitindo assim um desenvolvimento acelerado, equilibrado e nacional. Para que as mudanças se efectuem com eficiência, legalidade e reconciliação nacional pretende-se:

1.15. Criação de plataformas adequadas para um constante debate sobre as grandes questões estratégicas nacionais.

1.16. Aperfeiçoamento do sistema político moçambicano (responsabilidade política perante os constituintes e não apenas perante o líder do Partido);

1.17. Participação e defesa activa da alternância democrática.

1.18. Eliminação do poder absoluto, que eterniza a dominação da maioria por uma minoria monopolizadora

de todos os recursos do País e centros de decisão.

1.19. Combate à corrupção generalizada e fomentada pela força política no poder e consequente injustiça a todos os níveis da sociedade.

1.20. Promoção da iniciativa e criatividade individual e privada.

1.21. Encorajamento do sector privado, organizações não governamentais nacionais e estrangeiras, confissões religiosas e outras a investir no ensino, na saúde, na agricultura e no apoio dos deslocados às suas origens.

1.22. Fortalecer as empresas públicas com políticas empresárias num mercado competitivo quer ao nível regional e internacional.

1.23. Garantia do mecanismo do poder efectivo do cidadão (eleições dos governadores províncias, autonomia dos Reitores das Universidades Públicas);

1.24. Criar uma política específica que acabe com a marginalização social da juventude.

1.25. Combate constante à política de exclusão e do desequilíbrio económico.

MDM é a alternativa governativa certa para Moçambique